ANO 1.º — LISBOA — TERÇA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 1921 — N.º 149

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

CONSTAVA hoje, nos centros de cavaco, que os srs. Raul Esteves, director geral dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, e Herculano Galhardo, figura de destaque do partido democratico, vão bater-se em duelo, devido a certas criticas que esta segunda individualidade fez á forma como a primeira se tem desempenhado daquele cargo. Indicavam-se tambem duas testemunhas: uma, o sr. Tamagnini Barbosa, do sr. Raul Esteves; a outra, o sr. general Abel Hipolito, do sr. Herculano Galhardo. Um outro boato dava como não tendo prosseguimento o duelo entre os srs. capitão Feliciano Costa, director da «Situação», e capitão Antonio Maia, comandante do grupo de esquadrilhas «Republica».

* * *

CONSTA-NOS que o governo brasileiro nunca explicará ao governo português as razões porque recusa o *agrément* ao sr. Eugenio Santos Tavares, não para ser descortês comnosco, mas porque é esse um velho costume, que não está resolvido a desrespeitar.

De resto, podia até invocar a seu favor o que se deu quando Silveira Lobo foi nomeado consul do Brasil no Porto O nosso encarregado de negocios, no Rio de Janeiro, ao tempo o sr. Camelo Lampreia, exprimiu ao governo, junto do qual estava acreditado, que o nosso governo não via com simpatia a sua colocação em tal posto. Foi isto o bastante, para que se escolhesse outra pessoa.

O sr. ministro dos estrangeiros pode informar-se por outras vias e chegará ao convencimento de que o sr. Eugenio Santos Tavares, mesmo que não vá para o Rio de Janeiro, não é indigno de situação igual ou superior, mas noutro sitio.

A questão dos poveiros não deve ser alheia ao caso — questão, aqui para nós, que merecia ser estudada amplamente, no seu aspecto juridico, para se ver bem quais os argumentos que prevaleceram contra nós.

* * *

O sr. Ribeiro de Carvalho, convidado, segundo se diz, para suceder na pasta do comercio ao sr. dr. Fernandes Costa, vai reunir ámanhã os seus amigos, a fim de os consultar sobre a situação que o coloca ministeriavel.

Não se sabe se o sr. dr. Antonio Granjo conhece de antemão o modo de ver dos amigos do sr. Ribeiro de Carvalho. O que se sabe é que o sr. presidente do ministerio conferenciou demoradamente durante a tarde de hoje com o sr. Alves dos Santos e que o assunto da conferencia foi a pasta que o sr. Ribeiro de Carvalho modestamente recusará.

* * *

CLEMENCEAU, que tem perto de oitenta anos, pensa em voltar ao jornalismo, andando os seus amigos Tardieu e Mandel empenhados um reunir os capitais necessarios para a fundação do seu orgão.

Esperam-se artigos de rachar.

Os que se têm aproveitado do seu silencio para denegrir o Tratado de Paz, receiam a garra do tigre. E sobeja-lhes motivo para isso.

Clemenceau, que nunca se cansou de ter a rasão do seu lado, aborrece-se facilmente com o triunfo dos imbecis. Muitos destes nem terão tempo para se esconderem dentro da propria pele...

PORTUGAL LÁ FÓRA

Referimo-nos ontem á tragicomedia da nossa representação consular em Genova e á situação de penuria dos T. M. do E. que já lá sofreram dois arrestos.

Muito mais teriamos que dizer da triste figura que, diplomaticamente, temos feito e continuamos fazendo em varios países, porque uma grande parte do nosso pessoal de consulados e legações carece das qualidades necessarias para uma carreira que exige vocações especializadas.

Garantiram-nos, ainda ha poucos dias, que, em Berne, se passam coisas dignas de sobre elas incidir a atenção do sr. ministro dos estrangeiros, pois o nosso consul vive longe desta cidade, aparecendo só de vez em quando.

Na sua ausencia, quasi sempre demorada, se algum português bate á porta do consulado, sái a recebê-lo uma criadita, limpando as mãos a um avental, que geralmente dá esta resposta automatica:

—«O sr. consul não está, mas, se vem por causa do passaporte, faça favor de deixar os papeis e volte daqui a uns dias.»

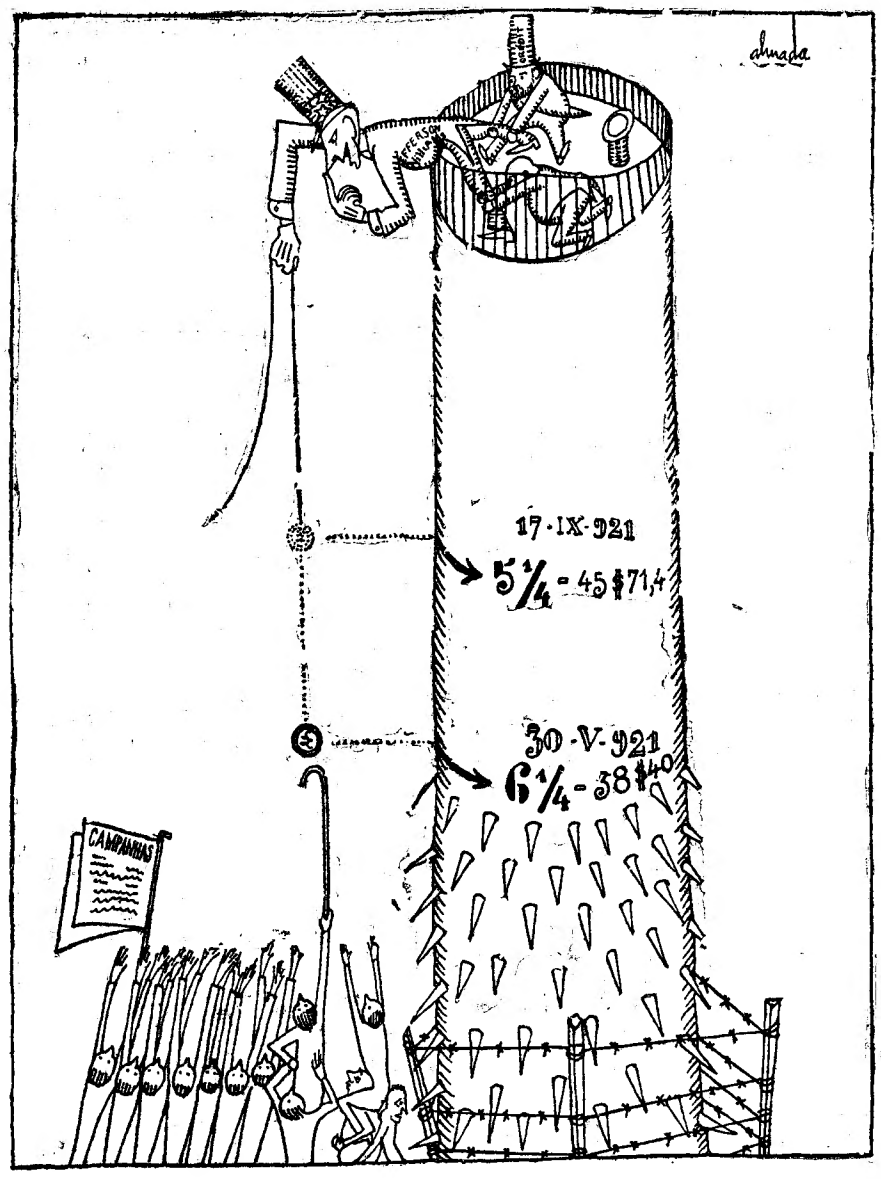
Os portugueses que viajam evitam o mais possivel recorrer aos nossos representantes, para não terem de que se arrepender. Os muitos nucleos de portugueses espalhados pelo mundo—verdadeiras colonias sem bandeira—tambem, se exceptuarmos honrosas excepções, não encontram quem os proteja devidamente e, sobretudo, sentem-se ao abandono no seu amor á Patria, visto que a acção oficial não aproveita o seu esfôrço dedicado e cheio de desinteresse.

Não falta quem estranhe que do ministerio dos estrangeiros não se envie oficio ou circular, recomendando a necessidade de, em certas datas solenes e patrioticas, os nossos consulados e legações darem recepção ás respectivas colonias, o que, parecendo que não, teria a apreciavel vantagem de estreitar os laços de afecto que a todos unem á distante terra-mãe.

Já se tem visto este espectaculo deploravel—alguns ingenuos, ignorando que os nossos funcionarios diplomaticos e consulares não se interessam pelos deveres do seu cargo, correrem, no dia cinco de Outubro, a apresentar-lhe os seus festivos cumprimentos e não encontrarem vivalma que os reeeba.

Quando terminarão espectaculos destes que tanto nos comprometem?

O JOGO DA LIBRA



(Desenho de Almada Negreiros)

DIZ o Povo que no poupar é que está o ganho. Mas toda a gente reconhece, nos negros tempos de hoje, que é impossivel poupar o que se não tem. Toda a gente menos o nosso colega «O Seculo», que, no editorial de hoje, quebra lanças pela divisa: é preciso poupar. E no desejo licito de demonstrar aos seus leitores que é facil, quando se quere, reduzir as despesas do dia a dia, cita exemplos, muito exemplos, entre os quais avulta o de três pessoas que num restaurante de primeira ordem jantaram pela irrisoria quantia de onze escudos.

Não suponham que é galga. O articulista apresenta o «menu» e nós vamos transcrevê-lo:

«Sopa, para um, porque as outras duas pessoas não a quizeram; croquetes, para três; peixe grelhado, para um; figado á portuguesa, para dois; 3 cervejas; um chá; dois cafés, pão e manteiga. Soma: — onze escudos.»

Como vêem, a sopa foi para um, porque dois não a quizeram; os croquetes para três — naturalmente um croquete para cada pessoa; o peixe grelhado para um, porque nem só os gatos comem espinhas, e o figado á portuguesa para dois, porque todos três eram de bons figados.

Mas êste sistema de poupar não constitue novidade. O lord de Cork almoçou e jantou jejum durante cincoenta e tantos dias, sendo certo que nem assim conseguiu poupar a Irlanda ás mais atrozes carnificinas.

Vai o «Seculo» mais longe ainda na sua prégação de economias, porque afirma convencidissimo:

«E em tudo mais como nos restaurantes. Na sapataria, no camiseiro, no chapeleiro, no merceeiro, etc., etc. Eis o que todos devem fazer: — poupar.»

Claro. Sejamos poupados. Que necessidade temos nós de comprar botas, se os blocos da grande informação nos oferecem diariamente tantos pares delas?

* * *

COMUNICAM-NOS da Presidencia do Ministerio ser absolutamente despido de veracidade o documento hoje publicado pelo nosso colega «A Imprensa da Manhã»—nem mais nem menos do que um plano de defesa militar da cidade que o governo teria elaborado para pôr em pratica no caso de se desencadear qnalquer motim.

* * *

O BISPO metodista de Chelmsford protestou contra os aplausos que desperta por toda a parte a chegada de Charlie Chaplin, o celebre Charlot.

—«A sua fama, disse, marca exactamente a triste situação do cristianismo no mundo».

Nunca Charlie Chaplin imaginou que seria apontado como inimigo do Evangelho. Tem-se limitado a fazer rir a humanidade, enferma ou apoquentada. O seu nome não provoca odios e a sua arte apaga-os.

—Pode-se dizer outro tanto da religião metodista?

Esta, não obstante prégar a salvação das almas, tem sido a ruina de algumas. Charlie Chaplin tem feito precisamente o contrario, salvando alguns desgraçados que só nele acreditam.

AS CRISES DE CABO VERDE

1.750 CONTOS DEVE O GOVERNO Á TERRA DA FOME

AS MEDIDAS QUE DEVEM DESDE JÁ SER POSTAS EM PRATICA PARA SALVAR ALGUNS MILHARES DE CREATURAS

Postos em evidencia, nos anteriores artigos, os maiores males de que padece a nossa colonia de Cabo Verde, é tempo de ir apontando algumas das medidas que, postas em prática, poderiam com eficacia, remediar tantos e tão grandes desgraças. Essas medidas são de duas ordens. Tratarei hoje das que denomino, á falta de melhor termo, medidas «urgentissimas» para combater a presente crise. Com efeito, postas desde já em prática, poderão elas ainda poupar a vida de alguns milhares de criaturas, que, a continuar a indiferença com que os poderes publicos estão encarando esta questão, ficam «irremediavelmente» condenadas a perecer de fome.

E' preciso notar que todos os auxilios que o governo da metropole prestar a Cabo Verde não representam um favor, mas sim uma restituição. E' preciso que se saiba que o governo da metropole deve a Cabo Verde, á terra da fome e dos mendigos, a «insignificante» quantia de aproximadamente 1.750 contos!

Esses 1.750 contos representam 50 por cento dos rendimentos das taxas de telegramas que transitam pela estação de S. Vicente, recebidos integralmente da Western Telegraph Company pelo governo da metropole, isto apesar de ter sido decretado em 1914 que êles fossem considerados como receita da provincia!

Pois, para salvar a vida de alguns milhares de criaturas — e isso é alguma coisa de bem sagrada! — é absolutamente necessario que essa divida seja paga, a fim de com ela se adquirirem mantimentos (milho, feijão, mandioca, etc.).

Que o governo da metropole se lembre de que não é perder dinheiro pagar essa divida. Esses 1.750 contos hão de voltar á mãe Patria transformados em milhares de bençãos... e num pouco de sossêgo para as consciencias daqueles que, á tempo, não souberam falar claro!

E' não se me diga que o estado das nossas finanças não comporta a satisfação imediata dêsse débito. Porque, em ultimo caso, dado que o pagamento se não possa efectuar em espécie, o governo da metropole tem certamente facilidade em negociar, com os altos comissarios em Moçambique e em Angola, a abertura de um crédito em géneros para serem postos no arquipelago nas épocas e nas quantidades que forem fixadas pelo governo de Cabo Verde, utilizando-se, para isso, dos vapores dos Transportes Maritimos do Estado.

Aberto esse crédito a favor de Cabo Verde, é certo que êle se traduziria em débito da metropole. Mas, não tem esta meio de crear receita que a habilite a saldá-lo?

Uma taxa provisoria de assistencia para Cabo Verde que fosse incidir sobre os preços de espectaculos e diversões, sobre as contas pagas em restaurantes e hoteis de luxo, etc., não viria, num futuro mais ou menos proximo, a produzir a importancia do crédito?

Talvez apareça uma idéa melhor. O que é certo é que isto, ou alguma coisa que se pareça com isto, tem de fazer-se.

Eu escrevo êste artigo, tendo sob os olhos a visão horrivel do faminto — uma cabeça enorme, coroando um feixe de ossos! Eu assisto a scenas pateticas, como a da mãe moribunda, a quem, já nas vascas da agonia, o filhinho suga ainda os peitos ressequidos!

E, apontando todos êstes horrores, surge ante mim o vulto sagrado do cantor maximo da epopeia das descobertas, ordenando ao velho Portugal:

«Acode e corre, O' Pai, que se não corres Pode ser que não aches quem socorres!»

E que, ao mesmo tempo que as medidas oficiais, a caridade particular abra os seus tesouros bemditos! Mulheres de Portugal, que a vossa nunca excedida bondade se afirme uma vez mais. Dai e, se não podeis dar, pedi, como eu daqui peço: — Esmola, esmola para os famintos de Cabo Verde!

ALBERTO ZAGALLO FERNANDES

O QUE SERÁ O FUTURO?

Uma entrevista com o general Ludendorff

"Uma guerra de "révanche" da Alemanha contra os aliados e especialmente contra a França é, por um tempo indefinido, completamente irrealizavel, debaixo do ponto de vista militar

O jornalista Jules Sauerwein entrevistou o general Ludendorff, o homem que é considerado o chefe do movimento reaccionario da Alemanha. Ludendorff quiz transmitir por escrito as suas opiniões ao jornalista. Quando se encontraram na casa do general, que não é guardada por fôrça alguma — como se dizia — mas nem sequer por um homem, Ludendorff, o homem que não assinou o armisticio, grave, impressionante mais do que em nenhum retrato conhecido pelo jornalista, estendeu a mão a êste, ofereceu-lhe cigarros e começaram ambos lendo as copias da entrevista, preparadas de vespera por intermedio de Roechbug, industrial renano.

Lidas as cópias, cada um assinou a sua e trocaram-nas.

O general permaneceu ainda em silencio; o industrial, que assistia á entrevista, lembrou-se de falar no livro do general Buat, onde as qualidades de Ludendorff eram plenamente reconhecidas, disse tambem que Jules Sauerwein conhecia o general Foch. A' evocação dêstes dois grandes nomes e, com êles, da actividade militar, Ludendorff animou-se e falou longamente. As suas palavras foram uma acusação dos governos imperiais, causa da desmoralização do povo — a causa primária da derrota — e uma admiração sem reservas pelos grandes generais franceses; Pétain, que, com o auxilio dos governos de Clemenceau, de Ribot e Painlevé, soube manter o moral de um exercito onde a campanha bolchevista se exercia energicamente; Foch, a quem tributa uma admiração ilimitada...

Acerca do perigo bolchevista, considera a revolução inevitavel, se a Europa se não puzer de acôrdo. A Alemanha não pode fazer nada sem o auxilio da França e Inglaterra.

Eis o que Ludendorff escreveu e assinou:

Da guerra de desforra

Todo o chefe militar tem por primeiro dever, sem o que não é um chefe, saber claramente o que é possivel e o que não é. Uma guerra de desforra da Alemanha contra os aliados e especialmente contra a França é, por um tempo indefinido, completamente impossivel sob o ponto de vista tecnico militar. A França tem um exercito ricamente provido de todos os meios de combate, pronto a pôr-se em marcha em qualquer ocasião, que poderia esmagar toda a organização militar alemã hostil á França, tanto mais que, pela destruição da industria de guerra alemã, perdemos toda a possibilidade de nos armar de novo. E' uma imaginação absurda o pensamento de que um exercito alemão, apto para a guerra moderna, possa ser organizado e posto em pé de guerra em segredo. Um exercito alemão que pudesse lutar com a menor probabilidade de sucesso contra um exercito inimigo, armado á moderna, deveria antes de tudo apoiar-se numa grande industria de guerra alemã tal, que, naturalmente em caso nenhum, poderia ser creada em segredo. Mesmo se uma terceira potencia quizesse armar a Alemanha, nunca um exercito alemão poderia ser armado em tão pouco tempo, que o exercito francês não tivesse antes alcançado uma vitória decisiva. No que me respeita pessoalmente, vivo na Baviera, exclusivamente como um simples particular, e não exerci, nem nunca tentei exercer, uma autoridade qualquer sobre o governo bavaro.

A evolução que se tem dado desde o tratado da paz tem mostrado, cada vez mais claramente, que os povos europeus dependem uns dos outros. Já antes da guerra a evolução das industrias e do comercio de que são a base tinha feito do dominio economico europeu um todo homogeneo, sem que os governos dessem por isso. Qualquer Estado europeu é para os outros Estados europeus de uma importancia vital, como produtor ou como mercado de consumo. Nenhum membro do corpo economico europeu pode arruinar-se sem que os outros se sintam gravemente lesados. A grande questão do futuro é a seguinte: encontrarão os povos da Europa e, especialmente, a França, a Inglaterra e a Alemanha, a vontade firme de vencerem o passado e de se estenderem a mão para refazerem a vida economica da Europa, sobre a base de acordos realistas, tendo em igual conta os interesses de todos os povos? Se se demonstrar, como temo que esta vontade é impossivel de encontrar, creio que a Europa perecerá num terrivel desastre.

Do Bolchevismo

Considero o perigo bolchevista, como já várias vezes expuz, muito maior do que se julga, em geral, no ocidente da Europa. Este perigo ameaça todos os povos civilizados da Europa. E' aumentado pelo facto dos governos europeus não terem sabido evitar a ruina economica no fim da guerra. Uma luta eficaz contra o bolchevismo é impossivel emquanto a inimizade persistir entre as grandes nações europeias. A libertação do povo russo e a reconstrução economica da Russia que a seguiria, particularmente para a salvação do proprio povo russo, não será possivel sem que as grandes nações da Europa se unam para resolver este vasto problema. Se estas nações da Europa quizessem estender-se a mão para alcançar este grande fim comum, as consequencias economicas de guerra na Europa seriam rapidamente reparadas e uma nova e feliz época da história poderia começar.

A CATASTROFE DE OPPAN

O QUE ERA E O QUE VALIA A FABRICA DE BADISCHE

14:000 OPERARIOS FICARAM SEM TRABALHO — 200:000 CONTOS DE EXPORTAÇÕES ANUAIS — COMO SE DEU O DESASTRE

Para se fazer ideia aproximada da realidade do que foi a terrivel catastrofe de Oppau que os telegramas expuzeram, é indispensavel saber o que era essa fabrica monstruosa, de anilinas, uma verdadeira cidade.

A Badische Anilin und Soda Fabrik, ou simplesmente a Badische como era vulgarmente chamada, fabricava não só anilinas mas ainda explosivos, adubos, acidos, alcalis, cloro liquido e produtos farmaceuticos.

Antes da guerra, o valor das suas exportações era de cerca de um bilião de marcos, a quantia que os alemães já entregaram como indemnização aos aliados, ou sejam duzentos mil contos (ouro).

A principal das suas fabricas ocupa um bairro completo da cidade de Ludwigvhafen, e estende-se de ahi até Oppau, numa superficie de 472 hectares, 65 dos quais estão cobertos por 899 construções, tendo nas margens do Rheno uma base de tres quilometros.

Quando, durante a guerra, a Alemanha se viu privada das importações de nitratos do Chile, foi devido aos quimicos e ás fabricas da Badische que os exercitos inimigos puderam ser fornecidos de explosivos, pelo processo Haber (fabricação do amoniaco) e de gazes asfixiantes.

O capital da Badische que era de 90 milhões em 1917, foi elevado a 252 milhões em Janeiro de 1920.

Nessa epoca já as fabricas haviam retomado a antiga actividade e ocupavam 253 quimicos, 375 engenheiros e 14:000 operarios.

A produção mensal da Badische era de 95:000 toneladas de produtos quimicos de toda a especie.

O director, Bosche, foi delegado tecnico na Conferencia da Paz.

A catastrofe foi devida á explosão de umas poucas de toneladas de nitrato de amoniaco sulfatado, que um exame recente havia declarado não perigoso. Ignora-se se a explosão foi provocada pelo descuido de algum operario ou se se deu durante as experiencias com um gaz novo cujas propriedades ainda não eram completamente conhecidas.

JOSÉ AUGUSTO DIAS, F.º & C.ª
BANQUEIROS
Agencia de Lisboa
Mudam as suas instalações em 30 do corrente para a
Rua Augusta, 89 a 95

LISBOA
Hotel Internacional
O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares
O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.
TELEGRAMAS HONAL
Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA

DEAMBULAÇÕES

Da Ria esplendorosa

Literariamente, paisagisticamente, Aveiro, a da Ria esplendorosa, é a mulher sem amante, a noiva sem marido.

O seu maravilhoso corpo de agua e areia, curvilineamente formoso, complicadamente sedutor, espera ainda a hora gloriosa da desvendação, da entrega a um celebrador.

Tem-lhe faltado o artista namorado que a descreva, a esquadrinhe, a revele.

Anseia ainda pelo apaixonado que, ao contacto dos seus labios de sal, lhe dê os beijos loucos que ela merece, que ela apetece: as paginas evocantes, epitalamicas, fixadoras.

Está para ali, em culposo abandono, á mercê do esquecimento, do acaso, da duvida; quando, formosa e unica, devera viver num livro que, repassado de amor e beleza, cheio de novo e de pitoresco, fosse o orientador dos olhos que a procuram, o pregoeiro feliz das suas riquesas e particularidades.

***

Não é desdenhar dos poucos que eruditamente a têm escolhido para assunto, como o seu tão fiel Marques Gomes, dizer que Aveiro se conserva inedita para a literatura.

Até hoje os escritores de sensibilidade, não deram o seu carinho a esse convidativo tesouro de inspirações, a essa fonte viva de deslumbramentos.

Cognominando-a de «Veneza lusitana» ou de «pequena Holanda portuguesa», julgaram ter rendido preito suficiente a uma das joias mais lindas do torrão lusitano.

Joia de agua, de terra e de atitudes, onde os barcos têm formas de encantar, e as mulheres, de tão airosas e escultóricas, não sei se imitam a elegancia das velas ou se são as velas que as copiam a elas.

Chamar Holanda e Veneza a Aveiro, como chamar-lhe a Valencia Atlantica, nada é, porque há Veneza, amor meu, há Valencia, há a Holanda e há Aveiro.

***

Dos altos de Angeja, Oliveira Martins classificou a paisagem aveirense de «deliciosa e original, indecisa entre o mar e a terra».

Nota-se, de facto, em Aveiro e na sua região, um caracter proprio e vago de coisa nunca vista.

E' a perfeita maravilha em perene transformação.

Sente-se, na luta do homem e da agua, do cerebro e da areia, da natureza e da vontade, um quê de desafio continuo, a palpitação constante duma ameaça e dum triunfo.

Nuns sitios, é o humano esforço que se proclama. Noutros vence o cego despotismo das forças geologicas.

Como um organismo, sujeito ás variações do humor e da idade, Aveiro varia, modifica-se, engorda ou emagrece, segundo o estado circulatorio do seu sangue, que é o mar, que é a ria, que é o Vouga.

***

Para um amador de poentes, o Ribatejo, da lezíria, fornece-os admiraveis.

Mais ao norte, são indiziveis de magnificencia humilde os crepusculos coimbrãos, que sempre julguei não pudesse haver mais belos.

E' que ainda não vira os ocasos excepcionais, inverosimeis, da Ria, ardentes de fogo liquido e madreperola estagnada, de sal nitente e betume cambiante, tornando a chã tão supremamente dominadora que o olhar se esquece de fitar o horisonte.

***

O *Fogo* de D'Annunzio, antes de ser a tragedia da actriz e do poeta, é o triunfo das belas palavras do orador.

Tambem Aveiro, scenario ideal para um romance de beleza agonisante, antes de nos segredar a canção deliciosa da sua intimidade, apresenta-nos, como saido do seu humido torrão, um dos verbos mais aclamados da raça: a facundia de José Estevão.

A grande figura feminina de Aveiro é Santa Joana.

Coimbra tem Isabel, a santa rainha. Aveiro tem Joana, a princesa santa.

Foi loura e sacrificada. Não a deixaram ser esposa nem freira, e não quiz ser rainha.

O seu fantasma delicado, coroado dos espinhos que adoptou como brazão, passa, perpassa, leve, nas neblinosas manhãs da ria.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

EPISTOLARIO

UMA CARTA DE ALMEIDA GARRETT

O grande escritor declara ser o Porto, sua cidade natal, "a unica terra em que teria a ambição de ser eleito"

Demasiado conhecido é o autor do *Camões, Dona Branca, Folhas caidas, Viagens na minha terra* e tantissimas outras obras primas, para que venha aqui reproduzir-lhe a biografia. Quero apenas arquivar nas colunas do *Diario de Lisboa* um documento que nos mostra o poeta por um dos seus aspectos mais interessantes—o politico.

A carta que segue, apesar de não datada, podemos adscreve-la a 1845, ano em que o autor do *Portugal na balança da Europa* residiu no pateo do Pimenta. Nas eleições gerais realizadas nesse ano, Garrett saiu deputado, não pela sua terra, como tanto desejava, mas pela ilha de S. Miguel, e não pelo Alemtejo, como se lê no dicionario *Portugal*.

Em 1846 tornou a ser eleito; mas daí até o fim da sua vida (dezembro de 1854) pouca atenção dispensou á politica, apesar de haver ainda sido ministro, voltando mais as suas atenções para as coisas literarias.

Quanto ao 4.º visconde de Fonte Arcada, Antonio Francisco Jacques de Magalhães (1793-1880), que tanto se interessava para que Garrett fosse eleito, teve uma vida cortada de aventuras. Afecto ás ideias liberais, foi deputado ás côrtes de 1822, exercendo diversos cargos civis e militares até ao advento de D. Miguel I, epoca em que pediu a sua demissão, que lhe foi concedida. Alistado nas fileiras de D. Pedro, tomou parte nas lutas contra o absolutismo, batendo-se especialmente nas linhas de Lisboa. Par do reino vitalicio, foi depois de 34 um dos parlamentares que com maior violencia entraram nas discussões politicas desses tempos conturbados.

C. M.

Lx.ª — e Pateo do Pimenta 25 de Julho.

Ill.mo Am.º e Sr.

Deu-me ha dias o nosso commum am.º Visconde de Fonte Arcada uma carta q. V. S. lhe escrevera, e cujo bom espirito e boas novas folguei de ver. Quer elle, e querem outros amigos que eu escreva a V. S. p.ª lhe recommendar que por si e pelos am.os promova a minha eleição no Porto, q., pelo favor q. me fazem, suppõem necessaria. Faço-o com repugnancia, não q. me falte coragem p.ª ser o que cumpre ser, p.r fraca q. seja a cabeça; mas p.r q. previno dificuld.es da parte dos eleitores da opposição que bem injustamente — direi ainda com alguma ingratidão teem obstado á minha eleição pela unica terra em que eu teria ambição de ser eleito. Que eu nunca fui valido da pres.e administração, lá está o parecer da commissão q. examinou o thesouro q. o diga, e vejam se ahi está o meu nome entre os dos favoritos. Que não sou nem posso ser senão inimigo politico d'elles — *diarlam.e* sai ao publico um documento irrefragavel e irrecusavel. — No mais não fallo: nem a dizer-lhe a verdade acho q. deveria falar em coisa nenhuma, p.r q. é cegueira dos meus am.os o q. os faz enganar-se, e eu estou m.to doente e m.to estropeado para tudo. O que quero sobretudo é q. me creia, p.r que o sou devéras, leal posto q. fraco auxiliar da unica boa causa, que havemos de ganhar p.r fim, e q. me tenha, q.to a V. S. na conta de

Am.º e devoto

J. B. de Almeida Garrett.

DE CAMPOAMOR

A fé nas mulheres

Por sua altura maior,
Um monte, em certo lugar
Não deixava ver o mar
Das janelas do prior.

Este, porém, achou arte
De alargar o horizonte,
E transferiu aquele monte
Dali para outra parte.

Eis aqui sumariamente
Do bom cura o alvedrio
Chama a seu mulherio
E assim se expressa eloquente:

«Meninas, daquele monte
Vão levando, sem se rirem
A pedra toda que virem,
Até que o mar se defronte.

«Deus lhes dará, ao depois,
Recompensa e todo o brilho
A umas dará um filho
E a outras talvez dê dois.»

Houve mulher diligente
Que transportou de uma vez
Não uma pedra sómente,
Mas ás duas e ás três.

Todas com fé, sem quebramos
Foram ao monte buscar
Filhos-pedras, tantos, tantos
Como as areias do mar

De sorte que foi possivel
Dest'arte—quem tal diria?
Pôr o dito monte ao nivel
Da praia, que já se via.

Como crêr lá das entranhas,
Toda a mulher (quando crê)
Transporta co'a fé montanhas
Como no conto se vê.

(Tradução livre de Braz da Serra)

Exposição de artigos do oriente

59, Rua Nova do Almada, 1.º

Telef. C. 3190

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS

CHAMADAS URGENTES

Sucursal de «O SECULO» (Rocio)

Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUB

Escola Academica

A mais antiga e frequentada escola particular do país

Calçada do Duque, 20

LISBOA

Telefone 619 Teleg. ACADEMICA

Classes infantis regidas por mestras portuguesas e estrangeiras, admissão aos liceus e curso dos liceus. CURSO COMERCIAL em 4 anos, modelarmente organizado e de brilhantes e comprovados resultados praticos. Recebe alunos internos, semi-internos e externos, ministrando-lhes, a par dos maiores confortos, solida instrução literaria e esmerada edução intelectual, moral, civica e fisica.

495 aprovações no ultimo ano lectivo

Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas com todas as condições de matricula.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

SERRALHERIA — FUNDIÇÃO — MECANICA — ELETRICIDADE

F. STREET & C.ª L.TD LISBOA PORTO

Maquinas Agricolas ENGENHEIROS Maquinas Industriaes

R. POÇO DOS NEGROS - R. DE S. BENTO LISBOA TELEGRAMAS: "ELECTRO"

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Segunda infancia do amor

A's vezes recordava-a. Eu tinha então dezesete anos mal contados, ela nem tanto. Nesse periodo de transição entre a meninice e a adolescencia, ha a ansia de amar—ha os que amam a mulher, sem procurar um pretexto sentimental que poetise o edilio; outros, pelo contrario, parcelam o sentimento revelado, em sonetos e quintilhas ou, na maioria dos casos, em imagens informes de emocionamento amoroso, que o pudor não permite apresentar perante um publico nem sempre respeitavel, Eu era dos segundos. A' tardinha, com as primeiras sombras do crepusculo, muito a mêdo, muito cozido com os portais daquela rua solitaria, tristonha—esperava-a Corriam os minutos, as horas mesmo, sem que aparecesse Demora no atelier, *qualquer transtorno de explicação facil—justificava. Depois, bastavam duas, quatro palavras suas, para me considerar recompensado em demasia. E isto correu assim, um bom par de meses, por entre cartas banais nas suas frases empoladas e dialogos revestidos daquela ingenuidade que só os anos expurgam. Tive pena, muita pena, no dia em que um encontrão da vida me afastou daquela carinha rosada, em que dois olhos negros, timidos, punham uma tonalidade suave que tão bem estava com o meu feitio.*

A's vezes recordava-a. Ontem, noite quasi, assistia numa rua central, á passagem da multidão que vinha do trabalho. Gente dos ateliers, *escritorios e demais estabelecimentos que vincam uma nota movimentada de comercio naquelas ruas da Baixa, outróra pacatas—e isto é de mim conhecido através das historias de meu avô—de uma pacatez que convidava quantos artistas por ai vagabundeavam, a poisar num quarto andar, com papagaio na sacada, da rua Augusta. Eu assistia interessado áquele espectaculo de mim tão conhecido mas em que descubro sempre pormenores ineditos. Fixava rostos, correspondia a uma ou outra saudação amigavel. Depois, naquela mancha negra de gente, descubri nitidamente, só para mim—que eu ás vezes vejo por conta dos outros—um vulto. Deixei-o aproximar até que verifiquei que o sub-consciente que é uma cousa em que muitos não acreditam, não me enganára. Era ela, agora, decorridos os anos que decidem da vida, tornada mulher—mas mulher que não desperta já aquela vaga sentimentalidade da primeira infancia do amor, mas, pelo contrario, acorda o instinto que nos leva ao desejo. Via passar, muito ligeira, elegante no seu vestidito de oitenta escudos. E como na vida todos os incidentes têm um fecho banal, concluirei dizendo que me limitei a puxar mais duas fumaças do meu cigarro semi-queimado, reatando conversa com os amigos. Aguardei a noite—a noite por ser propicia a soliloquios—para refletir nesta segunda infancia do amor, que só ontem comecei a descobrir...*

L. Consiglieri Sá Pereira.

Além-mar

A organização dos serviços da armada da provincia de Timor

O capitão de fragata sr. Montalvão e Silva, ex-capitão dos portos de Timor, não vai ser encarregado da organização dos serviços da armada, mas sim mandado regressar ao serviço da arma e nomeado segundo comandante da Escola de Torpedos e Electricidade.

O imposto da cana sacarina da provincia de S. Tomé

O governador de S. Tomé fixou em 420 escudos anuais, por hectare, o imposto a cobrar pela cultura da cana sacarina, recebendo as camaras municipais de São Tomé e Principe, respectivamente, 10 e 50 por cento desse imposto.

A chefia dos serviços da Curadoria de S. Tomé

Foi anulada a portaria que mandou afastar do serviço o chefe do serviço da Curadoria Geral dos Serviçais e Colonos de S. Tomé, bacharel sr. Baeta Neves, e mandou-se-lhe abonar todos os vencimentos que deixou de perceber.

Tribunal administrativo de Cabo Verde

Foi aprovado o novo regimento do Tribunal Administrativo e de Contas de Cabo Verde.

UMA ARTISTA QUE REGRESSA

Voltará Palmira Bastos a representar, este ano, no Teatro Nacional?

A viagem da ilustre artista a Paris e como ela viu o teatro e o publico francês

Tinha acabado o ensaio. Palmira Bastos estende-nos a sua mão enluvada de preto e, com uma leve inclinação de cabeça, lábios talvez sorrindo, desculpa-se um pouco:

— Entrevista... Mas Avelino de Almeida falou-me ontem... Sou tão franca!...

— V. Ex.ª esqueceu-se, sem duvida, do seu prometimento de sabado, pelo telefone. A simpatia que tinha pelo «Diario de Lisboa» — disse — levava-a a confiar unicamente ao nosso jornal as suas impressões. Falaremos então mais tarde... Mas o que lhe preguntou Avelino de Almeida?

— A minha viagem a Paris.

— E sobre a sua ida ao Porto?

— Tambem, tambem...

Palmira Bastos e o jornalista conversavam num gabinete forrado de cartazes. A luz da electricidade muito palida, deixava um pouco em sombra o rosto da actriz. Chapeu preto, um veu tenuissimo; nariz um pouco aquilino, de azas sofregas, bôca circulada num vermelho vivo, olhos noturnos, de pupilas inquietas, movediças.

Na face, um pouco de pó de arroz apenas. Palmira Bastos tinha a atitude de sempre: a cabeça flectindo um pouco á direita, os braços curvos, descansando sobre o regaço, as mãos segurando um rôlo de papeis.

A sua voz feriu o silencio:

— Estive em Paris uns vinte dias. Se soubesse como lá consideram as artistas!... Em Portugal, não!... Sarah Bernhardt representa sentada, escondida do publico, por vezes envolta em veus e em gazes. A critica...

Recordámos, então, sem palavras, quanto nossas pupilas tinham venerado Palmira Bastos na interpretação de «Montmartre» e das «Marionettes». Depois, outra lembrança esquissou-se a branco, mais recente, mais vivida. A «Dama das Camelias» e aquela dama pouco sentimental, pouco romantica, pouco seculo passado, que Palmira fizera e que nós criticámos em meio palmo de coluna, aqui, no «Diario de Lisboa». Sorrimos. Seria a vingança, envolta em palavras doiradas?

— A critica, prosseguiu a actriz, é coisa que não existe em Portugal. — E, agarrando a palavra, fez ainda esta frase: — Mas, que critica!

Contradictámos um pouco e delicadamente:

— A critica, minha senhora, é sempre uma sintese de observação. Nem sempre o espelho da inteligencia nos revela um defeito. Os outros, num olhar, — *vêem*. Por vezes, determinado actor tem muito talento, inegavel talento, e falha na interpretação de um papel... Perfeito, só Deus!

Palmira Bastos acrescentou mais uma nega á sua magestade. Tinha agora uma atitude patricia; a sua cabeça inclinou-se ainda, severa e rigida. Arquearam-se-lhe os lábios e a sua voz, tenido de oiro sobre um alabastro, rasgou mais uma vez o silencio — silencio nosso:

— O teatro em Paris está decadente... Não o conheci. Em scena, duas ou três figuras — *vedettes* — o resto, gente de poucos recursos. E' como cá, sabe?

— Sim, sabemos. Mas V. Ex.ª vai para o Porto... Volta?

Palmira Bastos

— Não sei.

— O Nacional...

Os olhos de Palmira Bastos fulguraram, rebrilharam um instante. A sua mão direita ergueu-se, ritmando um gesto de escusa. Disse:

— *Ça depend.*

— Intrigas de bastidores, não?

Sinceramente, o jornalista esboçou uma opinião:

— Mas V. Ex.ª está acima dessas intrigas. Se voltasse...

— Não falemos nisso.

Paris teve outra vez frases:

— Pouca gente vai ao teatro. Estranhei. Só na Comédie, como varía muito o programa, é que a sala de espectaculos está sempre cheia.

Citou ainda outro teatro. Um de nós pronunciou o nome de Kistemaeckers.

— Vi, na «La Passante», Vera Sergine. Sabe que, nos teatros, quem quizer assistir aos ensaios, paga... O publico *dilettante* abandonou as *premières*...

— E de Sergine?

— Sim... bem... muito bem...

— V. Ex.ª foi a Paris com algum intuito especial?

— Não, não fui. Sempre que tenho algum tempo de meu, vou até lá...

— E sente mais o teatro? Em Paris há mais horizonte artistico, a emoção distende a inteligencia. As actrizes...

— A Pierat, nas «Marionettes», é admiravel...

— V. Ex.ª encontrou alguns pontos de contacto entre a sua interpretação e a dela, nessa peça?

— Ao ver Pierat nas «Marionettes», senti que a sua interpretação tinha muitos pontos de contacto com a minha.

A artista teve vida, falou vivamente. Nos seus olhos, imersos em tinta-noite, perpassou uma luz estranha, ao dizer a frase. Palmira Bastos encontrara, talvez, interesse na nossa pregunta, que não pertencia a questionario algum.

— Quando parte para o Porto com a sua companhia? No dia 1 de outubro?

— Não! Talvez no dia 4. A peça que inaugura a temporada será o «Coração Manda».

Levantámo-nos. Perante a ilustre actriz Palmira Bastos, um dos primeiros nomes da scena portuguesa, em sinal de respeito pelo seu talento e em sinal de admiração pela sua arte, inclinámo-nos profundamente ao apertar-lhe a mão.

Naquele instante, Palmira Bastos era para nós a interprete admiravel de «Montmartre». Sem renunciar ás suas opiniões, o critico... apagara-se.

ARTUR PORTELA

E TUDO POR SEIS TOSTÕES..

A POLICIA DE LISBOA ESTARÁ CONDENADA Á MORTE POR INANIÇÃO?

Fala um policia desconhecido que no emtanto não desconhece as agruras da vida

Quanto ganha um policia?

O bastante para tratar de conseguir outro oficio melhor remunerado quinze dias depois de se ter alistado na corporação.

Desde que o aumento do custo da vida colocou as classes mal remuneradas ás portas da morte, não se cansa a imprensa de gramofonar esta batidissima aria: a policia está mal paga. Mas poucas vezes se lembra de justificar esta asserção nada arrojada com a eloquencia dos numeros, que sempre falam como gente.

Ouçâmos um guarda civico, que desejou manter perante o publico rigoroso incognito.

Quizemos convencê-lo a apresentar-se aos nossos leitores devidamente fardado e equipado, de numero de matricula e designação de esquadra na gola. Pediu-nos pela vida eterna do sr. comissario geral que o não fizessemos. Questão de modestia, que ele nos explicou assim:

— Nada! Podem-me fazer algum «rêclamo» na Ordem do Corpo e eu não gosto de apanhar louvores...

— Seja, diga-me então, policia desconhecido: quanto lhe pagam diariamente por vigiar pelo sossego publico e por apanhar de quando em quando uma naifada?

— Ganho quatro escudos e meio porque sou guarda de primeira classe. Os de segunda ganham apenas quatro escudos e vinte e cinco centavos.

— E não recebem por readmissões?

— Recebemos. Um tostão mais por cada uma. E' o mesmo que dizer, mais três tostões diarios quando se tem as três readmissões. Mas como muito poucos se conservam na policia o tempo necessario para ter direito a elas...

— Ha quem diga que com alguns guardas se tem dado o caso de desertarem da policia antes de se terem alistado...

O meu policia desconhecido riu de vontade. Riso facil. E observou apoiando a dextra no envolucro da «Savage»:

— Não é tanto assim. Mas lá que quasi ninguem quere ser guarda, é uma grande verdade. Olhe: ainda outro dia... Não! Isto não lhe conto. O senhor é dos jornais e era muito capaz de o escrever com «parte carregada». Olhe, o que eu lhe digo, sem medo de arranjar escamações com os chefes, é o preço do fardamento.

— Diga, diga, diga!...

— Pois, lá vai: uma capa de oleado, trinta e um escudos; um capote, setenta e oito escudos e meio; um fato preto, noventa escudos; dois fatos de cotim, sessenta e nove escudos; um par de botas, trinta e seis escudos e um bonet, oito escudos e meio.

— Realmente o Estado não lhes fornece meios para tantos escudos...

— Calcula lá?! E' a fome! O que nos fica livre do ordenado, depois dos descontos, é uma miseria. E os senhores, que não calculam a desgraça que um civico passa, lá estão depois a gritar nos jornais contra a caça ás multas e contra o nosso mau genio. Como se alguem pudesse trabalhar bem disposto com a barriga a dar horas modernas... Peça lá no jornal ao sr. governador civil que não descure a reforma. Se tarda mais um mês, só poderemos fazer prevenções nos Prazeres e no Alto de S. João...

Fica dito, policia desconhecido. E fica dito com o desejo sincero de que as tuas palavras, por vezes dificeis, retumbem nos timpanos dos que comandam. Porque um policia não é de pau, embora os desordeiros se convençam frequentemente de que um guarda não é gente.—**S. D.**

A CIDADE

A VIDA EM LISBOA

UM QUARTO SÓ PODE SER ALUGADO POR UM PRINCIPE DOS DOLLARS

O que fazem as autoridades em face da especulação desenfreada dos sub-locatarios?

Em Lisboa não há casas para alugar, mas há a especulação desenfreada dos quartos de aluguer. E' essa uma das razões porque mais se faz sentir a crise da habitação. O sub-locatario é uma pessoa que não se limita a receber um lucro rasoavel; entende que tem o direito de enriquecer á custa dos inquilinos e lá vai tirando a pele, dentro da sua filosofia da ganancia, ás pessoas que têm de recorrer ao quarto de aluguer. O mais modesto cubiculo, onde mal se podem albergar os sete palmos de uma cama de ferro, sem ar, sem luz e sem conforto, custa hoje nada menos do que vinte, trinta, quarenta e cincoenta escudos. Mas se o quarto é mobilado com decencia e tem porta para a escada, então escusam de preguntar o preço, porque vai alem de tudo quanto se possa imaginar: cem, cento e cincoenta, duzentos escudos...

Se o anuncio diz: «Quarto luxuosamente mobilado, para cavalheiro respeitavel, em casa de familia onde não há crianças—procurem com uma candeia um principe dos «dollars» ou um milionario argentino e terão o hospede que convem ás exigencias monetarias do sub-locatario—que em geral é uma sub-locatariá.

Sucede que o senhorio arrenda a sua casa a uma pobre senhora sem recursos por um preço compensador, que não é exagerado—trinta escudos, por exemplo. A pobre senhora, que comprou tres camas num bric-á-brac e tem o seu bragal de via reduzida, mobila tres quartos discretamente e deita anuncio no *Diario de Noticias*. No dia seguinte, logo de manhãsinha, há dez pretendentes aos quartos da pobre senhora. E ao meio dia, tres filhos de familia que gastam em Lisboa o paterno rendimento, já têm os quartos alugados á razão de cento e cincoenta escudos—o que prefaz quatrocentos e cincoenta escudos. Não será isto uma especulação?

Pretende o sr. governador civil de Lisboa resolver o problema por meio de um regulamento, de que o *Diario de Lisboa* se ocupou, e que já foi apresentado á sanção ministerial. Mas grangeará esse regulamento a aprovação do sr. ministro do Interior? E, uma vez aprovado, quem responde pelo seu cumprimento á risca?

Não poderá a policia, dentro da sua alçada, reprimir os abusos dos sub-locatarios, que entendem que todo o mundo é deles e que a lei não chega ao quinto andar?

Oficiais de marinha... "chauffeurs"

O capitão de fragata sr. Afonso de Cerqueira e o segundo tenente sr. Gomes Loureiro ficaram aprovados para condutores de automoveis.

UM ASSUNTO DE INTERESSE

O negocio dos cincoenta milhões não se realizou devido aos intermediarios?

O sr. dr. Ramada Curto e os seus pontos de vista ácêrca do caso Williams-Crédit

Rua Nova do Almada, 59, 2.º. Sim, é aqui o escritorio do sr. dr. Ramada Curto, que o *reporter* procura para colher opiniões—que sabe, por terceira pessoa, serem interessantes—acerca do caso dos 50 milhões de *dollars*—um caso que constitue, presentemente, a Providencia da gente das gazetas, nesta epoca em que a população entrevistavel da cidade, emigra para os arredores e para a provincia... Subimos. «O senhor doutor esperava-o», avisa uma empregada, muito menos gentil do que aquela que nos romances costumam aparecer. «Ah! Sim?» E esperamos, naquele vestibulo pobre que serve ao mesmo tempo um quarteirão de nichos de homens de lei.

O sr. dr. Ramada Curto aparece. Começa logo a falar, a falar muito, sem dar tempo a preguntas, tal qual como se estivesse de toga, em tribuna de justiça, a defender uma causa. Eis a primeira parte das suas declarações:

—Eu sou apenas publico e como publico sei o que toda a gente sabe... Este caso dos 50 milhões de *dollars*, recorda-me o titulo da comedia de Shakespeare, *Much adv about nothing*—muito barulho para nada. todo este escandalo baseia-se num contrato e começa por se dar este caso curioso de não existir contrato algum entre o Estado, que precisava de creditos, e as pessoas que estavam em condições de os fornecer. O paiz precisa de trigos, de carvão, de algodão, não é? Existem comerciantes na America que teem essas cousas para vender e existe uma entidade, a War Finance Corporation, que o governo americano criou para auxiliar esses exportadores. Parece que a unica cousa que haveria a fazer, era os governos, que não devem ignorar essas cousas, mandar preguntar a esses vendedores se lhes convinha vender, e em que condições de garantia, de praso e de juros. Acertado o negocio, lá estava a War Corporation para o financiar. A moagem, por exemplo, em tempos normais, quando queria trigos, comprava-os á casa Dreyfus, e não ia procurar os senhores A, B ou C, para lhos arranjar. Isto dava em resultado, comprar a moagem trigos baratos, só pagando aquelas comissões absolutamente necessarias.

«Em Portugal, parece que o ponto de vista dominante em negocios com estrangeiros, é fazê-los... com nacionais. E' mais caro mas é muito mais patriotico. Já quando foi do celebre contracto dos trigos, quem os tinha, era um inglês ou varios ingleses, chegando o ministro a ir de proposito a Londres. Afinal, quem vendeu os trigos, foi uma firma portuguesa ali da esquina... Chama-se a isto criar a industria do intermediario. No caso dos 50 milhões, se tivessemos dispensado a comissão do *Credit*, já podiamos pagar «os encargos inherentes» e já o ex-ministro das finanças, sr. Tomé de Barros Queiroz não se teria assustado, legitimamente, com o juro total, que era de 9 214, quasi dez por cento.

O entrevistado olhou-nos, sacudindo ligeiramente os seus quatro andares de cabeleira; porque o sr. dr. Ramada Curto, leva o seu extremismo social ao ponto de ostentar, precisamente ao contrario do sr. Carvalho da Silva, uma farta e sedosa cabeleira. Aproveitamos a aberta e lançámos uma pregunta:

— Segundo o seu criterio, a falencia do negocio foi causada pelos intermediarios?

O sr. dr. Ramada Curto recomeçou:

— Unicamente. Amanhã ela pode fazer-se nos mesmos termos com William ou sem William, e mais baratinho — com encargos inherentes e sem *Credit*.

— Com William, com o *escroc*?

Um sorriso sceptico. Depois:— Eu sei lá se o homem é *escroc* ou não, meu amigo! Tenho até a impressão de que não. Que é, antes, um americano que conhece grupos de comerciantes do seu paiz, com coisas para vender. Olhe, a Romenia, a Belgica fizeram operações identicas na America, a 8 e 8 ½ por cento. O ministro francês Loucheur, dizem revistas estrangeiras, está a tratar de um crédito de 200 milhões para a França.

Procurámos uma opinião de advogado ácerca do processo dos homens do *Crédit de Anvers*. Interrogámos: — E o resultado disto?

— Do processo? Do crime da tal especulação cambial ou burla, ou o quer que seja? A minha edição do Codigo Penal é muito antiga e talvez, por isso, eu esteja cheio de curiosidade para ver como pronunciam os homens.

— Então, os presos? Julga os inocentes?

— Inocentes! Então você não sabe que o Herodes matou todos os inocentes?! Eu sei lá quem é que especulou, se êles especularam... Sei lá! Actualmente, só não especula com cambios quem não pode. E é agarrá-los...

O entrevistado pôz-se muito serio. Depois, sorriu-se — um sorriso que já quase constitue um acessorio da politica socialista, que assim se procura distinguir do sindicalismo belicoso. E fechou a serie das suas declarações, com estas ultimas palavras:

— O que se torna preciso, amigo, é muito juizo. Há, no emtanto, nesta embrulhada dos 50 milhões, uma coisa que me satisfaz: dizem que o sr. Nogueira Pinto, um dos homens do *Crédit*, é brasileiro. Se assim é, sempre havia um americano para um emprestimo na America e nem tudo era portugueses. Simplesmente, o americano — era do sul!

S. P.

O inquerito ao ministerio da guerra

O presidente da comissão conferencia com o ministro da guerra

O presidente da comissão parlamentar de inquerito ao ministerio da Guerra, o senador sr. dr. Eduardo Pimenta, acompanhado do secretário, sr. capitão Brazão, conferenciou com o sr. ministro da Guerra sobre os assuntos tratados na reunião de ontem.

Conselho de ministros

A realização dos acordos comerciais com a Alemanha—A lei dos duodecimos e a nomeação de funcionarios

O conselho de ministros reuniu-se hoje, pelas 9 horas, na secretaria do interior, durando a sessão até ás 14. Ocupou-se das negociações para a realização de acordos comerciais com a Alemanha e da nomeação de funcionarios nos termos da lei dos duodecimos, resolvendo que todas as nomeações a fazer serão submetidas ao «visto» do sr. ministro das finanças, realizando-se sómente aquelas com que ele concordar.

OS TEATROS

Intrigas de bastidores

Num dos principais teatros da cidade do Porto subirá brevemente á scena um intenso drama regional em três actos, que será desempenhado por uma companhia portadora dum nome distinto, que naquela cidade deve inaugurar dentro de dias a temporada de inverno.

A peça, lancinante de emoção, ardente de beleza, foi feita por dois rapazes novos, melhor, novissimo.

Um deles é um escritor já revelado; e o outro é um jornalista brilhantissimo e que todos nós conhecemos, muito modesto e um pouco alto...

A figura principal da peça será confiada a uma novel artista, elegante e inteligente, que, decerto, saboreará os lances do drama com mais suavidade ainda que a sua requintada taça de mel em noites de recepção...

Atraz do repostelro

A companhia Palmira Bastos não embarca para o Porto no dia 30, como noticiaram alguns jornais. A companhia, que vai explorar durante cinco meses o teatro S. João daquela cidade, partirá a 4 de Outubro e estrear-se-ha no dia 5 com a peça de Francis Croisset «O coração manda». Dias depois far-se-ha «reprise» de «Os conquistadores», peça do repertorio Palmira Bastos, em seguida á qual se levará á scena a peça «A Rival», de Henry Kistemaeckers, que já entrou em ensaios.

—Foram concedidos dois meses de licença ao actor Carlos Santos, professor da Escola de Arte de Representar, a fim de poder ausentar-se para o estrangeiro.

—Apesar do presidente do ministerio ter autorizado o funcionamento da companhia infantil no teatro Avenida, o governador civil continúa recusando os vistos nos cartazes.

—Deve chegar por estes dias a Lisboa a companhia Silvestre Alegrim.

—E' a seguinte a distribuição do quadro «Bons dias» da fantasia «Pau de dois bicos», em ensaios pela companhia Nascimento Fernandes: «Folhinha», Clara Baptista, «Madrugada», Deolinda Macedo; «Dia da Espiga», Adelina Fernandes; «Anoitecer», Zulmira Betencourt; «Dia de Sol», Elisa Santos; «Dia de Chuva», Angela Barros; «1.º de Maio», Deolinda Macedo; «Dia de Reis», Idalina Lopes; «Ano bom» Ema Polonio.

—No Iberia Club», das Caldas da Rainha, encontra-se representando a «troupe» artistica de Luis Pinto e Irene Gomes. Representarão até ao dia 30 as seguintes peças: «Menelick», Fidalgos da Casa Mourisca», «João José», «Amor de Perdição» e «Primerose».

—Do ilustre actor Nascimento Fernandes recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor—Na entrevista que tive com o sr. Artur Portela, cometeu o mesmo senhor algumas indiscrições que peço a v. para esclarecer para bem da minha consciencia.

Que a conversa particular com o sr. Artur Portela disse, a proposito de emprezarios, que: o sr. Henrique Barreiros, meu actual emprezario e amigo a quem me ligam laços de profunda amizade, não poderia ter uma longa pratica em administração de teatro, visto que o seu principal negocio era descargas de carvão. Ora não foi isto que o sr. Artur Portela escreveu, pois pôz na minha boca uma insinuação de que não tive intenção.

Com o sr. Augusto Gomes aconteceu o mesmo. Eu disse que esse senhor tambem não poderia dar toda a sua atenção ao teatro visto que tinha outros negocios.

Pelo sr. Henrique Barreiros, tenho, como já disse, uma grande amizade, e pelo sr. Augusto Gomes, apezar de não ser já seu contratado continuo a ter a mesma consideração de sempre.

Ainda o sr. Artur Portela, servindo-se de algumas intimidades que, por simpatia lhe contei, atirou com detalhes da minha vida particular para as colunas do *Diario de Lisboa*.

Na entrevista publicada ontem ha frases ditas a rir que podiam traduzir a minha maneira de pensar e de falar, que sendo intimas nada tinham, a meu ver, com a missão do jornalista.

Peço-lhe sr. redactor a publicação desta carta para que o publico não possa avaliar mal a minha conducta e ainda para que as pessoas involuntariamente vizadas na minha entrevista, não possam discutir a minha lealdade de caracter.—De v. etc.—(a) *Nascimento Fernandes*.

Reclames

S. LUIS—Realizam hoje a sua festa os aplaudidos actores Augusto Costa e Carlos Alves, tomando parte no espectaculo, preenchendo um acto de variedades, Adelina Fernandes, Deolinda de Macedo, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Vasco Santana e Sales Ribeiro.

E' tambem esta noite uma das ultimas representações da revista «De Capote e Lenço».

POLITEAMA—Despede-se por estes dias a opereta «João Ratão», que em todas estas noites tem obtido verdadeiras enchentes, tais os atractivos que reune.

EDEN—«Tic-Tac» é frase misteriosa que traz o publico de Lisboa entusiasmado, e tão contente que, todas as noites o teatro se enche literalmente.

APOLO—Em vista de continuar a dar enchentes o «Burro em Pé», a empresa resolveu manter a peça em scena ainda durante esta semana.

AVENIDA—A epoca de inverno é inaugurada pela companhia Satanela-Amarante, com a opereta «Flores da Noite».

LLOYD TRANSATLANTICO

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital emitido 600.000$00

Sede em Lisboa

Rua Garrett, 48, 2.º

Cod. Ribeiro e A. B. C. 5.th

Telefone 3266-C. Telegrama, LLOTRAN

Relatorio da Direcção

Ex.mos Srs. Accionistas:

Vimos, mais uma vez, no cumprimento de um dever, dar-vos conta do que foi o nosso labor no ano findo.

Dizer-vos que os premios cobrados subiram a esc. 175.258$93,5 importa proclamar que realizamos negocios de muior numero e valor qne muitas das nossas congeneres.

A ensombrar este quadro, tivemos sinistros que excederam a esc. 105.053$28 já pagos e 44 por satisfazer, importancias que, adicionadas ás outras despezas descritas nos respectivos mapas, atingiram o capital da Companhia, e por isso forçoso nos foi exigir dos srs. accionistas a entrada de 10 0|0 do seu capital subscrito, e isto em duas prestações, para lhes facilitar esse tão pequeno desemboso.

Contra o que era de esperar de pessoas que tinham de honrar os seus compromissos tomados, muitos dos srs. accionistas nem pagaram nem, ao menos, acusaram a recepção da nossa carta aviso, faltando ao que deviam sob mais de um ponto de vista e demonstrando que não se importavam com a prosperidade da nossa Companhia, nem com a honorabilidade dos colegas, que, tendo entrado com os 10 0|0, davam a prova de que os estatutos a todos obrigam, sem excepção, e que tinham a consciencia das responsabilidades legais em que incorriam se procedessem de modo diverso.

Se os srs. accionistas tivessem cumprido com o seu dever, tudo estaria pago e ficavamos em condições de desenvolver o nosso movimento.

Aos srs. accionistas, desconfiados ou pouco confiantes, dir-lhes-emos que o capital seria remunerado, como se evidencia com os premios recebidos.

Podemos ainda afirmar que a nossa administração, excessivamente economica, quasi avara, tem comprimido as despezas com o rigor que as actuais circunstancias da industria seguradora reclamam,

Os mapas juntos roboram quanto acabamos de relatar.

Por não poder ocupar-se assiduamente da nossa Companhia, deixou o cargo de director gerente o sr. José Julio de Andrade Freire.

Antonio Ferreira de Serpa
Antonio Sarmento Pereira Brandão
D. José Manuel de Noronha

Parecer do Conselho Fiscal

O elucidativo relatorio da direcção e as contas que o acompanham definem o estado da Companhia e revelam os esforços que, para a manter na situação que soube criar entre as suas congeneres, a gerencia tem dedicadamente empregado.

E' pois de opinião o vosso Conselho Fiscal que proveis aquele relatorio e as referidas contas.

Lisboa, 1 de Agosto de 1921.

Armando Satyro Lisardo
Augusto Cardoso Pinto de Queiroz

Ganhos e Perdas

Deve

Comissões:	
Ramo Maritimo 15.002$63,5; Ramo Terrestre 5.774$35; Ramo Agricola 5.120$64; Ramo Pecuario 299$83; Ramo diversos 532$36	26.729$81,5
Despezas gerais	31.332$76
Despezas d'Instalação:	
Amortisação desta conta	2.007$17
Resseguros:	
Ramo Maritimo 64.126$71; Ramo Terrestre 4.102$70; Ramo Agricola 2.737$87; Ramo diversos 967$44	71.934$72
Sinistros:	
Ramo Maritimo 25.738$24,5; Ramo Terrestre 709$36; Ramo diversos 27$81	26.475$41,5
Selos	736$65
Reservas para seguros vencidos:	
Importancia de sinistros não liquidados nesta data	44.000$00
Contribuições	5.420$90
	208.636$43

Haver

Juros e descontos	1.365$63
Regularisações de cambio	11.739$45
Premios:	
Ramo Maritimo 124.267$85,5; Ramo Terrestre 28.880$80; Ramo Agricola 16.321$21; Ramo diversos 3.740$05; Ramo Pecuario 2.059$02	175.268$93,5
Sinistros:	
Ramo Agricola	484$84
Ganhos e Perdas do ano anterior	1.354$69,5
Inspecções Pecuarias	62$25
Rendas adeantadas	29$00
Contribuições	
Saldo da conta de Segurados	2.855$58,5
Saldo	15.475$99,5
	208.636$43

PROVINCIAS

Em Coimbra

Imposto "ad-valorem"

Coimbra, 26

Como informamos telegraficamente, o comercio e industria estiveram hoje paralizados, manifestando assim o protesto contra o imposto «ad-valorem», isto em virtude do comicio ontem realizado. Entre o chefe do distrito, o secretario da Camara Municipal e a comissão nomeada ontem para tratar deste assunto, ficou resolvido proceder a uma nova revisão do lançamento do referido imposto, onde ha grandes injustiças, voltando-se por isso á normalidade.

Como em tempo informámos, a Camara estipulou a quantia de 90.000$00 para o pagamento dessa contribuição, que é dividida pelo comercio e industria.

A Associação Comercial é estranha a este movimento de protesto.

Falecimento

Faleceu em Mesquitela, concelho de Mangualde, o sr. dr. José Cupertino de Oliveira Pires, juiz do tribunal da Relação de Coimbra.

Na Mealhada

O funeral do correspondente do "Diario de Lisboa"

Mealhada, 24

Realizou-se hoje, com um acompanhamento desusado o funeral do sr. Antonio Pêga, que ha muito exercia o cargo de fiscal do governo junto da Companhia dos Caminhos de Ferro e era correspondente do «Diario de Lisboa».

Contava 51 anos e deixa viuva a sr.ª D. Cacilda Augusta Pêga. Era irmão do sr. Manuel Duarte Pêga e das sr.as D. Augusta Pêga Brêda de Melo e D. Maria Conceição Alves.

O extinto deixa inumeras saudades no nosso meio social, pois era estimadissimo por todos pelas suas boas qualidades. Caritativo em extremo, trabalhava sem cessar para engrandecer a Misericordia desta vila, de que era membro.

Em Vagos

Melhoramentos locais

Vagos, 25.

A junta de paroquia desta freguesia anda procedendo a obras para embelezamento da praça da Republica.

As chuvas

Há 3 dias que tem, nesta região, caído grossas bategas de agua que muito vêm beneficiar as sementeiras de pastos.

Romaria

Para a romaria da Senhora da Saude que se venera na linda praia da Costa Nova, têm passado muitos forasteiros desta freguesia e de outras do concelho.

Em Cantanhede

Casamento

Cantanhede, 25.

Realizou-se ante-ontem, no solar do falecido conselheiro e par do reino sr. dr. José Luís Ferreira Freire o casamento da sr.ª D. Antonia Moreira Ferreira Freire com o medico sr. dr. Gilberto Veloso.

O acto revestiu um caracter muito intimo. A noiva, possuidora de uma das maiores fortunas deste distrito, é dotada com uma educação esmerada, sendo uma grande protectora da classe indigente do logar de Portunho, onde actualmente vive.

A feira

Esteve muito fraca a feira ultima, realizando-se poucas transacções, especialmente em gado bovino e cavalar.

Trovoada

A' hora a que escrevo, paira sobre esta vila uma forte trovoada, felizmente, sem consequencias de maior, embora provoque um insignificante aguaceiro.

De visita

Vimos nesta vila o jornalista sr. Carvalho Neves, das Pontes de Cadima, onde se encontra de visita aos seus.

Em Alandroal

A falta de agua

Alandroal, 26.

A camara vai abrir trabalhos nas freguesias de S. Tiago Maior e Capelins, onde a falta de agua muito se faz sentir.

Apreensão de ovos

A guarda republicana apreendeu na Defesa de Babadela, deste concelho, 3 caixotes com ovos que clandestinamente seguiam para Espanha.

Festas da Senhora da Conceição

Começaram os preparativos das festas a Nosso Senhora da Conceição, anunciadas para o dia 25 da corrente mês.

O preço do generos

Os preços dos generos alimenticios começam a subir e as jornas dos trabalhadores a descer.

LUDOVICE, LIMITADA

Rua da Madalena 36, 2.º

TEL. C. 3379

Secção fiscal

Contribuições

Serviços fiscais

e Administrativos

Em Montemór-o-Novo

A chuva e a agricultura

Montemór-o-Novo, 25

Começaram a cair as primeiras chuvas do outono, «as aguas novas» que vem refrescar a sequidão estival dos campos e prepará-los para as proximas lavouras e futuras searas, para o germinar das novas seivas, das messes e dos arvoredos. Procede-se ás ultimas colheitas da epoca nos meloais, nas vinhas e nos pomares, porque o fim do mês está por pouco e não tarda que S. Miguel «feche as asas», que é como quem diz: está a findar a abundancia das frutas que nos alegravam a mesa e nos deliciavam o paladar.

Montemór foi noutros tempos um importante centro produtor de frutas, especialmente de pomar; mas as arvores que durante muitos anos prodigalizaram abundantissimos e saborosos frutos adoeceram ou envelheceram. não se cuidando convenientemente de as substituir ou renovar, de modo que os afamados pomares montemorenses estão hoje muito reduzidos e bem longe do esplendor e prosperidade de outrora, se bem que os seus produtos ainda sejam muito apreciaveis em qualidade e em quantidade.

Administrador do concelho

Retirou desta vila o sr. Manuel da Silva Simplicio, que ha meses aqui exercia o cargo de administrador do concelho, mas cuja acção não alcançou aplausos nem dos proprios correlegionarios, principalmente depois de um assalto ao Palace Club. Consta estar nomeado o sr. Euripedes Porfirio da Silva para esse cargo.

A azeitona

A pastagem e a bolota da herdade da Adua, pertencente ao municipio, foi vendida, ate Março de 1922, por 18.000 escudos; e a azeitona da mesma herdade foi vendida por mil escudos.

A questão dos cereais

Os consumidores andam com o credo na boca, por causa da questão dos cereais, receando a todo o momento a subida do preço do pão, que ainda se vende a 40 centavos o quilograma.

Professorado

O professorado do concelho está muito descontente pelo atrazo em que está o pagamento das despesas de expediente e limpesa das escolas; e os rececadores da população igualmente se queixam de estarem ha bastantes meses sem receberem a renumeração do seu trabalho.

Transferencia

Da escola de Cabeça Gorda, concelho de Beja, foi transferido para a central desta vila a sr.ª professora D. Teresa Julia Carlos Pereira.

O proximo ano lectivo

Houve 56 concorrentes ás interinidades das escolas deste concelho para o proximo ano lectivo.

De visita

Tem estado em Montemór, de visita aos srs. drs. Alexandre Guerra e Francisca Romeiras, os sr. Domingos Brita e major Raul Loureiro, acompanhados de suas familias.

Partidas e chegadas

Regressou do Norte o sr. Antonio Justino Rodrigues de Andrade, inspector escolar, e de Campo Maior o senhor João Rodrigues Tenorio, chefe da repartição de Finenças, acompanhado de sua esposa.

—Seguiram para o Norte os srs. Cipriano Barreto e Bartolomeu Borges.

—Retirou para o Carvalhinho a sr.ª D. Maria Vitoria Guerra, professora de ensino livre, que esteve em Montemór de visita a seu irmão sr. José Guerra.

Activo

Acionistas:	
Sua responsabilidade	95.340$00
Agencias:	
Saldo desta conta	6.223$19
Caixa:	
Dinheiro em caixa e depositos bancarios	10.537$72,5
Caixa Geral de Depositos:	
Bilhetes de tesouro	25.000$00
Delegações:	
Saldo desta conta	29.017$65,5
Despezas de instalação:	
Saldo desta conta	18.064$53
Moveis e utensilios:	
Sua importancia	7.452$93
Rendas adiantadas:	
Relativas a Janeiro seguinte	29$00
Valores depositados:	
Caução da direcção	4.800$00
Segurados:	
Seu saldo	37.536$90
Ganhos e perdas:	
Saldo desta conta	15.475$99,5
	658.477$92,5

Passivo

Capital:	
Fundo social	600.000$00
Credores por valores depositados	
Caução da direcção	4.800$00
Reserva para seguros vencidos:	
Sinistros não liquidados nesta data	44.000$00
Reserva para seguros gerais	4.924$49
Fundo de reserva social	1.406$85
Percentagens do Conselho Fiscal e Direcção que ainda não foram recebidas	379$88,5
Devedores e credores	200$00
Dividendos do ano de 1919 que ainda não foram recebidos	2.760$60
	657.477$92,5

AVISO

Convoco a assembleia geral, para os fins do n.º 1.º do artigo 23.º dos estatutos, a reunir em 31 de Agosto, pelas 21 horas, na respectiva sede, e, não havendo numero, para o dia 18 de Setembro, á mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 1 de Agosto de 1921.

Francisco Miranda da Costa Lobo

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imedlatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

OLEADOS E LINCRUSTAS

PAPEIS PINTADOS PARA FORRAR CASAS

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS
MAQUINAS PARA CONSTRUCÇÕES ECONOMICAS
MOTORES ELECTRICOS, FIO VULCANISADO PRETO DE VARIAS SECÇÕES, TUBO BERGMANN, ETC., ETC,

EM DEPOSITO:

PLATÃO A. PEIG, L.TDA

ESCRITORIOS:
CAIS DO SODRÉ, 52, 1.º
TELEF. C. 5279

LISBOA

EXPOSIÇÃO:
RUA CORPO SANTO, 31, 33
TRAV. CORPO SANTO, 11, 15

NO ESTRANGEIRO

NOTICIAS DE ESPANHA

UM CONSELHO DE MINISTROS DE ONDE NÃO TRANSPIRA UMA PALAVRA

Afonso XIII assiste, de uma janela do Palacio do Oriente, ao desfile dos pontoneiros que vão para Ceuta

MADRID, 27

Realizou-se no palacio real um conselho de ministros sob a presidencia do rei. Atribue-se grande importancia ás resoluções tomadas, sobre as quais os ministros guardam reserva. Sabe-se que o ministro da marinha conferenciou longamente com o rei, não tendo sido dada á imprensa qualquer nota ácêrca desta conferencia. O rei, depois do conselho, assistiu duma janela do palacio ao desfile dos pontoneiros que marchavam para Ceuta, tendo sido muito ovacionado pela multidão que estava na Praça do Oriente, que levantou entusiasticos vivas ao monarca e ás tropas.—(R.)

Maura é interrogado pelos jornalistas sobre a ofensiva das tropas espanholas

MADRID, 27

Tendo alguns jornalistas perguntado a Maura se hoje continuavam as operações de avanço, este respondeu que as posições tomadas estavam sendo aprovisionadas e organizadas para se defender de qualquer retorno ofensivo do inimigo e que a iniciativa de novos avanços competia ao alto comissario.—(R.)

Os pontoneiros embarcam para Malaga, tendo uma despedida afectuosa

MADRID, 27

Saíram desta cidade para Malaga duas companhias de pontoneiros. Na estação estiveram a despedir-se varias autoridades militares e outras personalidades. A despedida foi muito entusiastica, levantando-se vivas ao rei e ao exercito.—(R.)

Romanones regressa a Madrid

MADRID, 27

Romanones regressou a esta cidade, tendo sido recebido por numerosos amigos. Mantem o criterio de que as Côrtes devem reunir imediatamente.—(R.)

Novo governador das Canarias

MADRID, 27

A «Gaceta» publicou um decreto nomeando governador das Canarias o sr. Luís Sanz Matamoros.—(R.)

DE VIENA

ALGUNS INDIVIDUOS PRETENDEM ASSALTAR A BOLSA

A policia que guardava o edificio consegue afastar os assaltantes

VIENA, 27.

Alguns centos de individuos pretenderam assaltar a Bolsa desta cidade, atacando a policia que guardava as portas e obrigando esta a usar das suas espadas para defender o edificio. Alguns dos assaltantes, vendo que não podiam forçar as portas, pretenderam entrar pelas janelas, mas tendo comparecido no local forças de policia a pé e montadas, não conseguiram o seu intento.—(U. P.)

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

CONVENCENDO A EUROPA...

"A FOME DA RUSSIA TORNOU-SE UMA QUESTÃO MUNDIAL"

"As colheitas pereceram numa superficie de 7.500:000 metros quadrados e a fome está declarada em 15 departamentos e regiões"

Uma entrevista com Kamenieff, vice-presidente do "comité" de socorro aos famintos

Kamenieff, o vice-presidente do comité sovietista de socorro aos famintos russos, fez as seguintes declarações a Georges Saulnier, enviado extraordinario dum jornal parisiense á Moscou:

«A fome está oficialmente declarada em 15 departamentos e regiões, cuja população é de mais de vinte milhões de criaturas. As colheitas pereceram numa superficie de 7.500:000 metros quadrados.

«E' indispensavel que as sementeiras se realisem nesta grande superficie, a fim de que as colheitas de 1922 sejam pelo menos satisfatorias. O governo esforça-se por fornecer aos lavradores, o trigo necessario ás sementeiras e já tem obtido resultados apreciaveis; apesar das dificuldades, distribuimos cinco mil toneladas de quilos de trigo; esperamos ainda duas mil toneladas que encomendamos no estrangeiro.

«Sabemos perfeitamente que a fome da Russia provocará a alta dos valores tsaristas na Bolsa de Paris, onde se espera que o governo dos soviets caia pela fome. Os Mantachef, os Konovaloff e os Riabouchinsky vão realisar boas transacções. Apesar disso, essa cartada há-de ser vencida; lutamos contra a fome e nós mesmo venceremos.

«E' claro que não basta o que já se fez. E' preciso dar de comer aos esfomeados. E' do que tratamos actualmente.

«O paiz, esgotado por sete anos de guerra, encontra-se impotente apesar de tudo, para fazer face a todas as necessidades dos famintos. E'-nos necessario o auxilio das nações estrangeiras. Estou persuadido de que ouro gasto com os exercitos de Koltchak, Denikine, Wrangel e Joudenitch teria sido suficiente para nos socorrer.

«A fome da Russia, tornou-se uma questão mundial. Vieram diversos Estados em nosso socorro. Foram eles: a Noruega, a Alemanha e a Estonia. Mas a Noruega e a Eetonia são estados pequenos e os seus recursos limitados; e a Alemanha sob o peso do tratado de Versailles não tem agora um papel importante na politica mundial.

«No que toca ás potencias que ganharam a guerra, é preciso dizer que a sua atitude a nosso respeito é completamente diferente.

«Não são os principios humanitarios, mas os interesses politicos que dirigem as suas acções. O Conselho Supremo examinou a questão de socorros á Russia, mas fê-lo sobre a proposta de Briand em que se declarava que não se podiam considerar como amigos da Russia. E com efeito, depois de muitos debates, nos quais tomaram parte Lloyd George e Briand, o Conselho Supremo nomeou uma comissão que por sua vez nomeou um comité presidido por Noulens, tão conhecido na Russia pela sua luta incessante contra o regime dos soviets. Assim temos o direito de afirmar que os aliados e os seus amigos teem em vista, não os interesses dos russos famintos, mas os dos banqueiros franceses.

«Com efeito, até agora, não vemos por parte dos vencedores da grande guerra, senão esse «jogo diabolico» de que recentemente Lloyd George falou nos Comuns. Nenhum auxilio real nos foi dado.

Da America

«Não se póde dizer o mesmo das associações particulares. A American Relief Administration concluiu com o governo dos soviets um tratado em virtude do qual centenas de milhar de crianças serão alimentadas.

«Temos tambem outra proposta, da Cruz Vermelha Internacional. O seu representante, Nausen, veiu a Moscou propôr-nos as condições. Infelizmente não pôde prometer-nos uma solução satisfatoria a respeito de dinheiro. Esperamos ainda.

«Reconhecemos que todos os que ajudam a Russia teem o direito de verificar se o pão que nos mandam é na realidade para os famintos. Se desejarem fiscalisar-nos nesse sentido, estamos prontos a submeter-nos e reconhecemos que essa fiscalização é justa e equitativa.

Mas não permitiremos que os comités de socorro explorem a fome da Russia para servirem os seus fins politicos. O governo dos soviets consentia em trabalhar com o comité privado estabelecido na Russia, apesar de ele ser composto por elementos que tinham combatido encarniçadamente o poder dos soviets. Esperavamos que esses elementos se ocupariam unicamente em socorrer os infelizes. Queriamos dar-lhes assim ocasião de expiar os crimes cometidos, quando sustentavam Koltchak e Denikine. Com grande pesar para nós, o comité recusou-se a ir trabalhar para as regiões dizimadas e exigiu tomar parte nas delegações do estrangeiro. Sem lhe contestar esse direito o governo fez-lhes notar a necessidade de primeiramente irem ás regiões da fome. Diante duma nova recusa, o governo dissolveu o comité.

«Agradecemos com toda a sinceridade ás nações que veem ajudar-nos sem condições, e aceitamos o auxilio «sob condição» da American Relief Administration. Aceitariamos igualmente o auxilio «sob condição» dos governos da Entente, sob a condição de que nele não entre o «jogo diabolico». Mas nunca permitiremos que a calamidade que se abateu sobre a Russia sirva de pretexto a uma intervenção».

A proibição do alcool na America do Norte

Muitos policias são demitidos porque se entregam ao contrabando

CHICAGO, 28.—A chefatura da policia desta cidade demitiu muitos agentes da policia, declarando que 50 por cento dos policias se entregam á venda de bebidas alcoolicas e que ha mais embriaguez e mais casos mortais derivados do alcoolismo do que antes das leis de proibição.—(R.)

Portugal na conferencia do desarmamento

Atendendo a que o nosso país tem interesses no Extremo Oriente...

WASHINGTON, 27.—O governo americano informou o governo português de que proporia a participação de Portugal na conferencia de Washington nas mesmas condições da Holanda, atendendo a que a Republica Portuguesa tem interesses no Extremo Oriente.—(R.)

NOTICIAS DE FRANÇA

O CHEFE DO ESTADO MAIOR POLACO É ALVEJADO A TIROS DE REVOLVER

O autor do atentado pretendeu em seguida suicidar-se, mas foi preso antes de o ter conseguido

PARIS, 27

Houve um atentado contra o marechal Pilsudski. No momento em que o marechal subia para o seu automovel, acompanhado pelo conde Grabowski, para assistir a uma festa teatral promovida em sua honra pela municipalidade de Leopolle, um individuo fez fogo por tres vezes, com um revolver, na direcção do chefe do Estado polaco. O conde Grabowski foi ferido. O marechal Pilsudski, que, apesar do atentado, foi ao teatro, foi aclamadissimo pela população. O autor do atentado pretendeu suicidar-se, mas foi preso antes de conseguir faze-lo.—(R.)

A Sociedade das Nações ocupa-se da questão da Albania

PARIS, 27

Os acontecimentos da Albania têm sido examinados na Sociedade das Nações. Lord Robert Cecil vai propor duas moções á comissão de negocios politicos que se ocupa da questão da Albania. A primeira tende a fazer reconhecer pela comissão e pela assembleia a independencia da Albania, e a segunda tem por fim nomear uma comissão de inquerito que se esforçará por terminar os incidentes de fronteira.—(R.)

Os sindicatos belgas recolhem os filhos dos grevistas do norte de França

PARIS, 27

A União dos Sindicatos Belgas resolveu recolher os filhos dos grevistas do norte da França, aliviando-lhes assim as dificuldades da vida e dando-lhes margem para uma mais porfiada resistencia.—(U. P.)

O governo francês inculpa dois individuos que se bateram em duelo

PARIS, 27

Sendo o duelo ilegal em França, diz-se que o governo vai perseguir judicialmente o conde de Poret e Camille Lafrage, que se bateram em duelo na sexta-feira ultima, sendo tambem processadas as suas testemunhas.—(R.)

A guerra entre a Grecia e a Turquia

Os ultimos sucessos da Asia Menor preocupam os gregos

ATENAS, 27.

Os circulos politicos gregos mostram se extraordinariamente preocupados com os ultimos sucessos da Asia Menor, sobretudo porque as condições do Tesouro grego são extraordinariamente precarias e as despesas com a manutenção do exercito são enormes. — (U. P.).

Durante o inverno não haverá quaisquer ocupações

LONDRES, 27.

Os gregos estão fortificando posições a vinte milhas a este de Eskir Sher. O governo pretende propôr a anexação dos territorios presentemente ocupados. Nem os gregos nem os turcos esperam que se desenrolem quaisquer ocupações durante o inverno. — (R.).

Notas Mundanas

As festas de caridade

No Parque Palmela

Como o tempo parece ter melhorado é no proximo sabado, 1, que no parque dos srs. duques de Palmela se inauguram as festas de caridade a que nos temos referido largamente e a que certamente está destinado um grande sucesso.

Os dias agora marcados são sabado e domingo á noite, sendo os preços de entrada respectivamente 5$000 e 500 réis, e domingo de tarde, 1$000 para adultos e 500 réis para crianças.

A comissão organizadora, sob a direcção da senhora duquesa de Palmela, aproveitou este tempo para modificar alguns numeros das festas, tornando-os mais atraientes.

As corridas de cavalos

Em Cascais

Têm tido enorme procura os bilhetes para as corridas de cavalos que se realizam na «marinha» perto de Cascais, nas tardes de 2, 4 e 6 do proxima mês de Outubro.

O numero de cavalos inscritos é já consideravel, tendo excedido a espectativa dos seus organizadores.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa da Borralha (D. Carolina), D. Isabel de Castro Pereira Arriaga e Amaral (Carnide), D. Isabel Ferrão de Castelo Branco, D. Berta Helena Supardo e D. Maria José Van Zeller Cabral.

E os srs.:

Antonio Vasco de Meio (S. Lourenço), José Vasco Ramalho Ortigão e Luis Alexandre Gorjão Henriques.

Doentes

Encontra-se doente a sr.ª D. Judith de Barbosa Collen.

Carteira perdida

Um operario, de nome Antonio Taborda, morador na travessa da Espera, numero 41, perdeu ontem, á noite, do elevador da Glória até ao teatro Eden, uma pequena carteira com duas notas de cem escudos que não lhe pertenciam. Pede á pessoa que as achou a fineza de as entregar na morada acima indicada, o que muito agradece.

O ministro das colonias

recebe todas as pessoas das 19 ás 20

O sr. ministro das Colonias recebe todos os dias as pessoas estranhas ao seu ministerio, sómente das 19 ás 20 horas.

OS NOSSOS ARTISTAS

Antonio do Couto Martins

Acaba de concluir brilhantemente na Escola de Belas Artes o curso especial de arquitectura civil o sr. Antonio do Couto Martins. Este joven artista, discipulo do grande mestre José Luiz Monteiro, foi o unico alun_o da Escola que este ano concluiu aquele curso.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

OBESIDADE

Tratamento pelos agentes fisicos

ESTORIL — TERMAS

Ultimas Noticias

ECOS DA GUERRA

As bombas que não explodiram são uma ameaça constante para a vida dos habitantes

BRUXELAS, 27.

Em várias localidades belgas têm-se continuado a fazer escavações para desenterrar projecteis e bombas de aviões, que não explodiram e que são uma ameaça constante para a vida e para a segurança dos habitantes. Algumas bombas de avião, que estão no sub-solo da Belgica, pesam mil quilos e contêm uma tonelada de explosivo. Apesar dos quimicos afirmarem que a estabilidade dêstes explosivos é grande, pode-se calcular o perigo da explosão de um dêsses engenhos, sabendo-se que alguns, quand_o explodiram, destruiram dezenas de casas e produziram escavações de trinta e quarenta metros de diametro. — (U. P.).

A CATASTROFE DE OPPAU

Socorros ás viuvas dos operarios que morreram na explosão

BERLIM, 27.

As viuvas dos operarios vitimados na explosão de Oppau receberão uma semana de salario dos seus maridos, a quantia de mil marcos e receberão ainda uma anuidade de 50 por cento do salario de seus maridos. — (U. P.).

Consequencias do desastre

FRANCFORT, 27.

As fábricas de tinturaria de Hoechst, intimamente ligadas com as que foram destruidas na explosão de Oppau, despediram todo o seu pessoal, devido a êste ter pedido salarios exageradissimos. — (R.).

DO BRASIL

O restabelecimento da Agencia Financial Portuguesa

O presidente da Republica assinará brevemente o decreto

RIO DE JANEIRO, 26

O decreto restabelecendo a Agencia Financial portuguesa nesta cidade foi entregue ao presidente da republica, sr. dr. Epitacio Pessoa, que brevemente o assinará. — (A.)

O valor do escudo português

RIO DE JANEIRO, 26

Cotação de café, 18$100; Cambio s|Londres, 8 7|6 e 8 1|2; valor do escudo português, 780, 850 réis.—(A.)

A creação dos suinos em Lisboa

Pelas administrações dos bairros de Lisboa está sendo feita uma fiscalização sobre a existencia de suinos em patios e quintais, visto haver conhecimento que no corrente ano foi grande a venda de leitões em Lisboa para criação.

Têm já sido aplicadas várias multas.

O balneario da Piedade

O deputado O'Neill Pedrosa insta por um pedido da camara de Alcobaça

O deputado, sr. O'Neill Pedrosa instou no ministerio do trabalho para que fosse satisfeita, com urgencia, a petição da camara municipal de Alcobaça, referente ao balneario da Piedade.

De Abrantes

Nomeação do novo sub-delegado de saude de Abrantes

O sr. dr. José Maria Mora Junior foi incumbido de exercer interinamente as funções de sub-delegado de saude no concelho de Abrantes, lugar vago pela aposentação concedida ao facultativo municipal, sr. dr. José Joaquim de Oliveira.

NA RUSSIA DE LENINE

São condenados á morte tres membros do "comité" de socorro aos famintos

RIGA, 27.

A comissão extraordinaria de defesa do regime dos «soviets», conhecida pelo nome de «Tscheka», condenou á morte Kischkie, Prokopovich e a sr.ª Kuslowa, que faziam parte do «comité» pan-russo de socorro aos famintos, recentemente dissolvido. O «comité» de socorro russo enviou a Gerard Hauptmann, a Nausen e a Ador, presidente da Cruz Vermelha internacional, um apêlo solicitando a sua intervenção para evitar estas execuções. — (U. P.).

DE LONDRES

O SENADO AMERICANO E O PROBLEMA DA PAZ

Uma vitoria da Camara Alta sobre o poder executivo

LONDRES, 27

O representante do *Times* em Washington diz que a principal reserva feita pelo Comité das relações externas do senado aos tratados com a Alemanha, Austria e Hungria friza que os Estados Unidos nunca poderão ser representados senão por resolução do congresso. Isto representa a vitoria do senado na sua luta com o poder executivo.—(R.).

A questão de Vilna

LONDRES, 27

Nas ultimas discussões sobre a questão de Vilna na Sociedade das Nações, o delegado polaco criticou largamente o projecto que se pretende pôr em execução.—(R.).

O conflito dos maquinistas

LONDRES, 27

Será pedido ao ministro do trabalho que intervenha no conflito com os maquinistas derivado da cessação das subvenções de guerra.—(R.).

Tumultos em Belfast

LONDRES, 27

Têm continuado os tumultos em Belfast, tendo os «sinn-feinners» atacado os orangistas e tendo havido mortos e feridos.—(R.).

Os manipuladores de pão

Pronunciam-se pelo tipo unico

Reuniram esta tarde na sua associação de classe os manipuladores de pão, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira, para tratarem da questão do pão e para a comissão de melhoramentos dar conta da entrevista que ontem teve com o sr. ministro da Agricultura.

O sr. Vasques comunicou á assembleia que o sr. ministro havia atendido o pedido que lhe foi feito para que os vendedores ambulantes pudessem vender o pão de 2.ª qualidade.

Em seguida, foi aprovada uma proposta, que vai ser apresentada na reunião da classe da construção civil, em que os manipuladores de pão são de parecer que deve haver um unico tipo de pão.

A assembleia continua á hora de fecharmos o nosso jornal.

POR BEM FAZER...

Roubo de 2.500 escudos

Flora da Conceição, rua de S. Paulo, 198, queixou-se á policia que, tendo recolhido em sua casa, por esmola, Isabel Lafande, esta, aproveitando a sua ausencia, furtou-lhe objectos no valor de dois mil e quarenta escudos.

Bolsa de Lisboa

Dia 27

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	44.30
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
4 0|0 1905	11.50
4 0|0 1888	20.
4 0|0 1890 coup	—
4 1|2 1888|89 ass.	—
4 1|2 1889 coup.	57.50
4 0|0 1909 coup.	—
4 1|2 1912 ouro	—
3 0|0 1917	68.
3 0|0 externas 1.ª série	172.
3 0|0 » 2.ª »	—
3 0|0 » 3.ª »	165.
Acções	
Banco Colonial Português (port.	142.
Banco Colonial Português (cop.	—
» Comercial de Lisboa	267.
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	218.
» » » (coup.)	240.
» Lisboa & Açores	298.
» Portugal	—
» Minho	240.
» Português e Brasileiro	123.60
C. G. de Credito P. Português	35.50
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	137.50
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	249.
Portugal e Colonial	116.20
Cabinda	8.15
Buzi	46.70
Ilha do Principe	208.70
Moçambique	—
Zambezia (antiga	—
» (nova	—
Companhia do Boror	—
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	—
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °|o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °|o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—
Industrial Aliança	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	40$	45$
s|Londres cheque	7 1|4	7
» 90 d. v.	7 3|8	—
Rio s|Londres	8 5|16	—
s| Paris	642	666
s| Italia	368	381
s| Belgica	627	650
s| Suissa	1531	1586
s| Espanha	1150	1200
s| Berlim	77	82
s| Holanda	2835	2936
s| Nova York	8871	9200
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	600 0|0	750 0|0

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	28,62
» s|Londres	—
» s|New-York	—
» s|Berlim	7,00
Paris s|Londres	52,00
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	51,79
» s|Roma	89,875
» s|New-York	37,312
» s|Berlim	428,50
» Amsterdam	11,67
» s|Genebra	21,01
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

Asilo Maria Pia

Desmentindo uma noticia

Ao contrario do que foi publicado, o sr. Elias Costa, secretario do sr. ministro do Trabalho, não tomou hoje posse do logar de director interino do Asilo Maria Pia, em substituição do sr. Cesar dos Santos, o qual se mostrou bastante surpreendido com a noticia publicada nos jornais.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—Fechado.
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
AVENIDA—Fechado.
POLITEAMA—A's 21,15—«João Ratão».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
GIL VICENTE—A's 21—«A Martir».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.